

# Alfarrábios

de

Oscar Calixto

Título do original:  
*Alfarrábios.*  
© Copyright de Oscar Calixto  
Rio de Janeiro, 2003.

Esta peça, na presente tradução, só poderá ser representada ou utilizada, no todo ou em parte, seja por que processo for, mediante autorização expressa da SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais.

-Av. Almirante Barroso, 97, 3º andar,  
Rio de Janeiro.

Todo abuso será considerado violação da propriedade intelectual, nos termos dos Códigos Civil e Penal.

Rio de Janeiro, setembro de 2003.  
Oscar Calixto – Ator/Dramaturgo.

# Alfarrábios

*"A consciência abalada por vergonha própria ou pecado alheio se irá ofender pelo teu ousado versejar; mas não hesites, deves repelir toda mentira! Expõe o teu pensar sem meias-palavras; cada qual que cure a própria ferida".*

*(Dante Alighieri)*

## PERSONAGENS

*(Por ordem de entrada)*

Denis (um camponês)  
Flauber (outro camponês)  
Elise (Amada de Benvindo)  
Benvindo (Um escritor)  
Rilber (outro camponês)  
Antônio Denny (Duque de York)  
Langley (Chefe da guarda)  
Lorde de Mowbray (Lorde amigo do Duque)  
Sir James Gurney (Pai de Benvindo)  
Lutero (Melhor amigo de Benvindo)  
Goudieur (Conhecido de Lutero e Benvindo)  
Francis (Conhecido de Lutero e Benvindo)  
Arthur (Amigo de Lutero e Benvindo)  
Bush (do serviço do Duque)  
Eduardo de Percy (filho do Duque de York)  
Dona Ana (Dama de companhia de Elise)  
Clecy (criada de John Falster)  
John Falster (Pai de Elise)  
Senhora Falster (Mãe de Elise)  
Christopher (do serviço de Eduardo de Percy)  
Hamlet (O bobo da corte)  
Ricardo (Rei da Inglaterra)  
Margot (Rainha da Inglaterra)

**Primeiro Ato**  
**Cena I**

*(Londres, 1596. Algum lugar da cidade. Gritos de revolta. Camponeses passam correndo. Entra Benvindo apressado. Do outro lado, Elise, que vem afobada observando todos os lados. Os dois se encontram. Benvindo a toma pelo braço e a leva para um canto do palco. Esporadicamente passa um ou outro camponês apressado pelo caminho. Eles escondem seus rostos.)*

**DENIS**

Avancem! Disto depende as nossas vidas!

**FLAUBER**

Baixem os impostos! Resistam!

**DENIS**

Resistam!

**ELISE**

Louco, o que fazes nas ruas da cidade durante esta revolta?

**BENVINDO**

O que fazes tu, eu pergunto, és apenas uma donzela. Não esperava encontrá-la por estas voltas.

**ELISE**

Pois acredite que uma donzela apaixonada pode coisas inesperadas. Estava desesperada para ver-te, mas controlava toda angústia com medo da revolta até que a força do desejo tornou-se maior que o medo do perigo e eu saí do meu abrigo unicamente na esperança de te encontrar. Deus, encontro a felicidade!

**BENVINDO**

Feliz estou também por encontrar-te, mas peço-te para retornar à vossa casa, pois não quero vê-la machucada caso estoure alguma grande batalha. E, além disso, não podemos deixar que nos vejam juntos. Segue bem o nosso plano de nos encontrarmos às escondidas fingindo termos tudo terminado. Desta forma estarás segura e nenhum mal a ti será alcançado.

**ELISE**

Oh, Benvindo, suplico que tenhas cuidado. A guarda está cada vez mais revoltosa, ontem mesmo feriram o filho de Davy por atuar de forma incisiva pregando apologias nas portas do palácio.

**BENVINDO**

Prometo que terei cuidado, pois a ti reservo minha alma, meu espírito e cada parte de meu corpo. Não te preocupes comigo, retorne à tua casa e fique tranqüila, pois bem sei o que faço. Mal vejo a hora de chegar o momento em que tudo se acalme para que possamos confirmar o nosso matrimônio.

*(Um camponês interrompe aos berros.)*

**RILBER**

Guardas na cidade! Guardas na cidade!

**BENVINDO**

De onde vêm, amigo?

**RILBER**

Deste lado, fujam!

**BENVINDO**

Vamos.

*(Benvindo e Elise fogem. Rilber sai gritando.)*

**RILBER**

Guardas na cidade! Ajudem!

**Cena II**

*(Sala do Palácio, Os gritos de revolta soam de longe, soldados passam apressados. Entra Antônio Denny.)*

**ANTÔNIO DENNY**

Mas o que está acontecendo neste palácio? Que gritaria infernal é esta que transcorre lá fora? Langley, quer fazer o favor de dizer-me o que se passa?

**LANGLEY**

Ocorre uma revolta, meu duque. Alguns camponeses se prostram às portas do palácio gritando por justiça. Querem ver o rei. Dizem que não pensarão em retirada enquanto não tiverem esta graça. Eles querem a baixa dos impostos.

**ANTÔNIO DENNY**

Petulância. Ousadia tamanha jamais presenciei na vida. Isto é coisa daquele escritor ridículo, o Benvindo. Enche a cabeça do povo de bobagens fazendo com que se achem potentes e fortes tendo o direito de reclamar. E onde está o Rei?

**LANGLEY**

Partiu para França hoje cedo, senhor. Prestigiara, juntamente com a rainha, o casamento do príncipe Alan. E por este fato Deverá retornar pela manhã.

**ANTÔNIO DENNY**

Ótimo. Certo estou, neste caso, que não presenciara este fato. Langley, dê ordens à guarda para expulsá-los daqui imediatamente. E de hoje por diante, parte da guarda deverá seguir o que lhe digo: Estarão a duas milhas do castelo de vigia, devendo impedir qualquer tentativa de arruaça por esta região.

**LANGLEY**

Alguns guardas já foram enviados à cidade, senhor. Dei-lhe ordens para assustar os camponeses, sem fazer grandes estragos.

**ANTÔNIO DENNY**

Muito bem. Enquanto isto pensarei num modo para não mais ser incomodado. É isto. *(Langley vai saindo)* Langley... Conforme combinamos, também o rei não saberá deste fato como ocorrido. Faça isso, oriente a todos, mandarei para você o sigilo.

**LANGLEY**

Está dito, senhor. Com licença. *(sai)*

*(Entra Lorde de Mowbray)*

**LORDE DE MOWBRAY**

Tratam-se de gritos de uma revolta?

**ANTÔNIO DENNY**

Com certeza, meu lorde. O povo se volta contra a nobreza.

**LORDE DE MOWBRAY**

Mas isto não poderia acontecer. Estamos nós agora encurralados.

**ANTÔNIO DENNY**

Acalme-se, meu Lorde, acalme-se. Já dei ordens para que Langley resolva o assunto. A guarda tratará de expulsá-los e mantê-los longe sem que o Rei possa perceber. Pelo menos pelo tempo que precisamos para pensar como faremos para evitar que isto ocorra novamente.

**LORDE DE MOWBRAY**

Precisamos então tratar do assunto com urgência, pois não é meu desejo que o rei tome conhecimento de nossa atitude. Tanto quanto dinheiro preciso do título de nobreza.

**ANTÔNIO DENNY**

O terá, eu afirmo. Tudo ficará na mais perfeita ordem.

*(Vão cessando os gritos de revolta)*

**Cena III**

*(Sala da casa de Sir James Gurney. Entram ele e Lutero.)*

**SIR JAMES GURNEY**

Atormenta-me o modo como tem agido o meu filho. Está sempre às escondidas ou trancado em seu quarto a escrever peças que sempre atacam a nobreza. Já não tenho mais cara para olhar ao Duque, deixou de ser-me amigo, pois críticas severas fez o meu filho em sua última apresentação no grande teatro. Devo dizer, nobre Lutero, que tu, na qualidade de amigo, é a única pessoa que pode ajudá-lo. Peças a ele que não escreva de tal forma, agredindo a nobreza, pois não somente seu nome é destruído, mas também o meu aos poucos se embaça. O pior de tudo isto que lhe conto é que sua atitude é apoiada pelo povo que afirma ser verdade o que escreve aplaudindo com firmeza a sua proeza e lotando cada vez mais o teatro. Tens notícia do que digo a respeito disto?

**LUTERO**

Tenho sim, Sir, e confirmo como verdade. Na qualidade de amigo, tenho feito tudo que posso e até mesmo o que não posso aconselhando, mas pouco me tem dado ouvido. Digo-lhe que manere nas críticas, que seja mais complacivo, mas ele insiste e escreve cada vez de forma mais incisiva e petulante despertando o ódio incessante do Duque de York e do Lorde de Mowbray. Para ele, isto nada significa, pois tal sentimento é o mesmo que sente em retribuição. E este é um fato que muito me preocupa, pois que tenho notícia de que a jovem Elise, moça pela qual tem suspirado e dedicado seus sonhos e ternura, resolveu de uma hora para outra e sem mais nem menos casar-se com Eduardo de Percy, o filho do Duque.

**SIR JAMES GURNEY**

Deus, mas isto é abominável. Se este fato cai em seu conhecimento despertará ainda mais a sua fúria. Acabará com seu nome e por conseguinte com o meu. Temos que fazê-lo desistir desta moça.

**LUTERO**

Creio não ser tão fácil, Sir, não se trata de paixão passageira. Seu filho hoje depende do amor desta mulher.

**SIR JAMES GURNEY**

Rogo-vos, Lutero, ajude-me com isto. Se preciso, contrate uma rameira para lhe fazer perdido a noite inteira todos os dias deste ano, mas livra-o do amor desta mulher, ajude meu filho e lhe serei eternamente grato.

**LUTERO**

Farei o possível, Sir.

**Cena IV**

*(Fim de tarde. Praça pública: Alguns camponeses trabalham, outros limpam a cidade. Sentado está Benvindo. Desolado, escreve. Lutero chega, não se deixa perceber.)*

**VOZ DE BENVINDO**

Lúgubre destino o dos amantes que percorrem noites escuras procurando estrelas e apontando a lua que muda inconstante ao passar das horas. Oh, paixão arrebatadora que invade o meu ser e que é parte do tudo longe do nada, que é ode do mundo em longa jornada e caos uniforme das formas disformes.

**LUTERO**

Ora, o que faz meu grande amigo desolado nos cantos desta praça?

**BENVINDO (Surpreso)**

O que mais faz um homem quando está sozinho? Se não trabalha, pensa no futuro, senão isto na mulher amada.

**LUTERO**

Vosso galardão é tamanho que teu lugar aos céus está reservado.

**BENVINDO**

Nem se a Deus o tivesse suplicado, caro amigo. As augúrias do destino me tornaram amargo e sem vida. Não sou eu digno de tamanha graça.

**LUTERO**

Não creio na tua certeza. A um homem que sofrimento maior pode existir senão estar prezo as amarras de uma mulher?

**BENVINDO**

Pois creia que existe. Ao amor o sofrimento resiste por haver esperança. Se não correspondido ele fere e dói, mas maior que este é na verdade o sofrimento de nunca ser amado, de nunca tê-lo sentido.

**LUTERO**

Sofres em vão, é mui bela a tua ideologia, mas ao amor não se dedica a própria vida, talvez o coração.

**BENVIDO**

Amigo, vos suplico, não me meças pela razão. Sofro do mal de um sentimento que não tem dimensão. Não encontra caminhos, nem mesmo saídas, apenas existe e domina meu ser, invade minha vida e reduz minha existência a seu próprio querer.

**LUTERO**

Para isso creio ter o remédio. Precisas respirar novos ares. Novos ares mudam de qualquer tormento a direção. Conheço uma casa onde mulheres vivem em diversidades. De brancas a mulatas, todas agradam imensamente. Creio ser impossível existir no mundo um homem que não se renda aos carinhos e carícias das raparigas andaluzas. Que me diz?

*(Goudieur, Arthur e Francis interrompem sob risos e numa tremenda algazarra.)*

**GOUDIEUR**

A vida quer supor...

**FRANCIS**

A refeição do rei Arthur !

**GOUDIEUR (Sob risos)**

Um pedaço de carne tostado... Bem-vindo, meu nobre amigo... Como está?

**FRANCIS**

Como está Lutero?

**LUTERO**

Bem, obrigado. Como está, Arthur?

**GOUDIEUR**

Um pouco irritado.

**BENVINDO**

Algum mal feitio, Arthur?

**FRANCIS**

Dele a ele próprio.

**GOUDIEUR**

A vida quer supor... A escolha é fatal! Existe um homem que entre tantas raparigas irá cobiçar justamente a cozinheira?

**BENVINDO**

Se a ele for de bom grado...

**ARTHUR**

Não sabia que era a cozinheira, e depois que mal existe? Não fez ela completo o serviço? Do que tenho de reclamar? Depois é muito mais agradável saber que à tão poucos ela serviu de prazer.

*(Tumulto)*

**LUTERO**

Vieram do Belle-de-Jour?

**FRANCIS**

Na verdade vamos para lá.

**LUTERO**

Então por quê de tanta algazarra? Zombam de nosso amigo, pensei que fosse hoje o fato ocorrido.

**GOUDIEUR**

Ora, pois foi, mas temos que voltar. Precisamos anunciar: O Rei Arthur vai casar...

**ARTHUR**

Cretinos, indignos. Sumam já daqui, ou verão a fúria de minha espada.

*(Goudieur e Francis saem zombando e escondem-se para ficar escutando.)*

**LUTERO**

Zombarão de ti em eternidade, mas não farão isto por maldade, antes por trazer alegria e pelo e simples prazer da diversão.

**ARTHUR**

Maldito foi o engano, peguei a cozinheira.

**BENVINDO**

Uma mulher não é menos mulher pela sua atividade, Arthur. Fique tranqüilo.

**ARTHUR**

Antes fosse apenas isto, caro amigo. Eles têm razão. Nem eu mesmo pegaria. É que ontem bebi demais e na euforia de minha alegria vi nela uma princesa, mas quando acordei vi que na verdade era um jabu.

**GOUDIEUR** *(Volta rindo desesperadamente)*

Esta é a primeira vez que tenho conhecimento de tal estória. Passou da meia noite e virou abóbora... A princesa que vira sapo...

*(Todos Riem)*

**ARTHUR**

Inquietam-se com minha desgraça? Acham divertido? Pois digo que se não cessarem com este riso horroroso cortarei fora o que lhes há de mais precioso, jogarei no fosso e ainda ficarei rindo por ver de longe os crocodilos engolindo.

**FRANCIS** *(Ainda agonizando com o riso)*

Isso não...

**ARTHUR**

E eis que nem mesmo as cozinheiras darão jeito de diverti-los. A não ser que mudem de razão e ao invés da cozinheira chamem o vendedor de bigornas - Sujeito louco e negro, com mais de dois metros de altura e quase noventa quilos de massa para lhes dar a alegria do prazer.

**GOUDIEUR** *(Controlando-se)*

Isso não, nobre amigo. Desculpe-nos o descontrole. Mas é que o fato... *(risos desesperados)*

**ARTHUR**

Saiam já daqui.

*(Os dois vão saindo. Zombam)*

**FRANCIS**

Ai, Rei Arthur...

**BENVINDO**

Pelo visto estás perdido.

**LUTERO**

Logo acham outro motivo para zombar.

**ARTHUR**

Só espero que não seja eu a dar.

**BENVINDO**

Então não beba em demasia. O homem que bebe perde a razão e o equilíbrio, comete atos errôneos e muitas vezes absurdos. Deixa ir embora a sanidade e a noção do ridículo e junto com ela vão-se também a seriedade e o respeito

imponido. Quem há de escutar um bêbado? Mesmo que fale por palavras conscientes dirão que foram elas efeitos da dose.

**ARTHUR**

Meu amigo parece um filósofo. Uma compulsão de palavras sensatas.

**LUTERO**

Mas muito chatas. Um homem não pode viver de pensamentos filosóficos. Muito menos de amores idealizáveis que infiltram e transformam sua sã consciência. Ele tem que experimentar a carne. Saborear pratos diferentes, divertir-se e não ficar eternamente filosofando e idealizando o amor de uma mulher. Para os amantes desta vida, vale nela mergulhar profundo.

**BENVINDO**

Nobre Lutero, creio que não devais mais me importunar com tuas apologias, pois meu pensamento é reto e segue correto.

**LUTERO**

Estás afanado, não podes continuar assim.

**BENVINDO**

Estou consciente do que faço.

**LUTERO**

Pelo amor és liderado, que homem vive assim?

**BENVINDO**

Eu.

**LUTERO**

Não podes continuar, isto é anomalia, não se entrega corpo e alma...

**BENVINDO**

Chega. Quem és tu para me julgar? Quem és tu para dizer onde estou errado? Meu caminho é indissoluto e não cabe a ti julgá-lo ou não como impreciso. *(pausa-silêncio)*

**ARTHUR**

Nobres amigos, creio que não sou mais oportuno, tenho meus afazeres e... preciso observar a minha cria, concedam-me licença.

**BENVINDO**

Voltes quando quiser, Arthur, podemos avaliar quão mal faz um amigo que interfere na vida do outro.

**ARTHUR**

Com vossa permissão...

*(Sai Arthur)*

**LUTERO**

Benvindo...

**BENVINDO**

Não quero ouvir tuas preces...

**LUTERO**

Amas uma mulher que não o ama.

**BENVINDO**

Como sabes que não me ama? És alguma espécie de bruxo? Deste para ler as cartas ou consultas pensamentos?

**LUTERO**

Queiras escutar, amado amigo. Não deves amá-la.

**BENVINDO**

Não insistas em tua opinião. Para mim não é de qualquer valia, eu a tenho no coração.

**LUTERO**

Suplico que retires.

**BENVINDO**

Não.

**LUTERO**

Ela vai se casar. *(pausa-silêncio)*

**BENVINDO**

Como?

**LUTERO**

Vai se casar, com o filho do Duque de York.

**BENVINDO**

É blasfêmia.

**LUTERO**

Antes fosse, nobre amigo. Mas tenho comigo a confirmação, de que o próprio Rei mandou adornar com enfeites de muito valor o provável lugar onde será o casório.

**BENVINDO**

É blasfêmia, estás blasfemando...

**LUTERO**

Segue notícias de que será ao passar de quatro dias, pela manhã.

**BENVINDO**

Estás blasfemando. Não poderia se casar. Ainda mais com o filho do Duque.

**LUTERO**

Nunca fui tão honesto e tão seguro com palavras que lhe disse. Por isso lhe rogo, caro amigo, esqueça esta mulher. Sabes quantas amarguras podem se prostrar em teu destino se o Duque, ou mesmo seu filho, aqui vier e por acaso descobrir que estás de volta desta mulher? Suplico, por vossa alma, companheiro, para o próprio bem do teu espírito. Não deixe perceber que a esposa de seu pior inimigo foi também sua mulher. Sei desse amor escondido, e jamais jogaria contigo, pois sou teu amigo.

**BENVINDO**

Mas o que é isto? Vingança? Fui traído? A mulher que eu amo junto ao meu inimigo?

**LUTERO**

Se esta foi sua escolha...

**BENVINDO**

Não poderia, não seria escolha.

**LUTERO**

Benvindo, eu te peço, não escrevas qualquer artigo. Não adiantaria, aumentaria apenas a insanidade do povo que já comenta. Todos sabem que a amas e sofrem pela notícia. Porém é traiçoeira a língua do povo e assim como eu, muitos sabem dos rumores do amor destruído.

**BENVINDO**

Muitos sabem?

**LUTERO**

Caminham velozes os boatos.

**BENVINDO**

E somente eu não sabia?

**LUTERO**

Benvindo, peço-te, não escrevas mais nada. Pois o Duque uniu-se à guarda que prepara seus cães de caça para pegá-lo em plena praça pelas denúncias que a nobreza tens atribuído. Não incentives o povo a ser revoltoso. Fale em suas peças de algo mais precioso. Não de assuntos penosos. Deixe esta infâmia de lado. Não denúncias mais nada.

**BENVINDO**

Denuncio sim, Lutero. Satirizo. O povo deve estar ciente de que nossa majestade não é de todo cruel. Que os impostos revoltosos que caem sobre nós são iniciativas do Duque de York, que faz isto junto a outros nobres sujos desta corte e às costas de sua majestade. Denuncio, sim. Eis que uso minhas palavras para o benefício do povo. Não suporto deixá-lo em obscuridade. Preciso mostrar a alma pobre que habita na maioria dos espíritos nobres. Escreverei dramas muito mais políticos e comédias muito mais satíricas, questionarei o homem e a sua honestidade, o homem e sua sanidade, o homem em diligência. E eis que tudo serão alfarrábios para que o mundo um dia questione desde quando que o homem é homem. Desde quando não há justiça, nem honestidade, nem sinceridade ou fidelidade no coração dos benditos. Denuncio, sim. Adeus, preciso ir...

**LUTERO**

Aonde vais?

**BENVINDO**

Para casa. Preciso escrever minha nova comédia: "O Gatuno".

**LUTERO**

Espere, Benvindo...

*(Elise aparece. Há uma pausa, eles se olham fixamente.)*

**ELISE**

Benvindo?

**LUTERO**

Volto a lhe falar mais tarde. Com licença. *(sai)*

**BENVINDO**

Suponho que já estejas pronta para o teu casamento.

**ELISE**

Benvindo, eu gostaria de lhe falar, de poder explicar, eu lhe quero bem, mas... Estou angustiada.

**BENVINDO**

Angustiada... Sempre me dissestes que tinhas vontade de conhecer a corte, mas não sabia que era tão de perto. Como poderia afinal uma parte conhecer o todo? Mas a parte pode ter, pelo menos, a ambição de conhecer as outras partes deste todo, as quais cabem dentro de suas próprias proporções. E como as partes do mundo têm sempre íntimas relações e intimamente se encadeiam, considero impossível compreender o que é ser parte do nada sem antes ter sido parte do tudo. Me enganaste? Foi tudo mentira? Que amor passageiro foi este? Como mudaste assim de opinião? Há outra hora atrás falavas mal do filho do Duque e agora casas com ele? Diz-me que não é verdade. Diz-me que é mentira ou ilusão. Diz-me que é confusão, pois não posso resistir a tão cruel intervenção. Superamos o limite do saber e nos amamos escondidos para que não pudessem agredi-la com palavras cruéis e insanas por causa da fama que tenho em minha profissão. O que me explicas? Digas que é blasfêmia, ou que isto é um sonho, ou antes disso, ilusão. Explica-me algo...

**ELISE**

Não posso explicá-lo, mas é verdade. Antes digo que o preço muito, e que lhe tenho muita afeição.

**BENVINDO**

Eu não quero que me tenhas afeição. Antes quero ser o teu amado. O que houve contigo? Ficaste louca? Perdeste o juízo? Até outrora dizias "eu te amo" e agora negas tudo? Elise, amo-te mais que a minha própria vida. Sei que não posso dar-te o que te oferece a nobre corte, pois sou escritor. Mas poderei te dar conforto e abrigo, isto eu garanto. O meu trabalho é digno e agrada ao público. Olha, ontem mesmo vendi quase cem ingressos para meu novo espetáculo "Duques e Duquesas". Percebes? E ainda nem houve a estréia. Podemos ser felizes.

**ELISE**

Em quatro dias estarei casada. Rogo-vos que me esqueças, mas não me retires do coração. Pois todo o amor que tive foi verdadeiro, no entanto, agora o destino me leva por outras águas das quais não posso regredir. Estou em correnteza forte e a barca do meu destino não mais encontra o teu caminho. Nosso amor deve sucumbir.

**BENVINDO**

Oh, meu Lorde. Rei de majestade, que fiz eu para merecer esta augúria do destino?

**ELISE**

Assim deverá seguir em eternidade. Peço-lhe que não mais me procures, pois serei, de agora em diante, esposa de meu marido. Esqueças meu nome, pois não mais será o mesmo.

*(Sai)*

**BENVINDO**  
Elise...

## Segundo Ato

**Cena I**

*(Sala do Palácio: Entram o Duque Antônio Denny e Bush)*

**ANTÔNIO DENNY**

Faça tudo como lhe disse... Quero que seja este casório uma das mais belas festas de toda corte. Dinheiro não é problema, tenho de sobra, ainda mais contando com o apoio monetário do rei. Faça tudo que puder. Providencie comidas, e o vinho, traga do melhor. Quero que este seja um evento inesquecível. O casamento de meu filho será digno de um príncipe.

**BUSH**

Como quiser meu senhor. Com sua licença...

**ANTÔNIO DENNY**

Bush... Nada de tiros de canhão. Não gosto daquela barulheira.

**BUSH**

Mas senhor...

**ANTÔNIO DENNY**

Aquiete-se, homem e cumpra minhas ordens, neste reino és o meu subalterno e farás o que eu mandar. Vá...

**BUSH**

Como quiser, meu senhor. Com licença...

*(Entra Eduardo de Percy)*

**ANTÔNIO DENNY**

Ah, filho... Estava à sua espera... Quero dizer-lhe que já está quase tudo pronto para o seu casório. Daremos uma grande festa. Teremos tudo – grandes músicos e boa comida – a única coisa que não teremos serão tiros de canhão. Já falei com o Bush que não quero aquilo. Estou profundamente traumatizado - quase dois meses ouvindo explosões - ao contrário de mim, ele é empolgado. Diria mesmo que o Bush é um ser explosivo. Até inventou que o reino vizinho fabricava armas para nos destruir só para ter que invadir. Ele é mesmo muito louco! Adora ouvir explosão atrás do canhão! E se não falo que não quero isto no seu casamento, lá ia estar ele ao lado de um barril de pólvora com uma tocha na mão. Mas diga-me amado filho, como se sente a quatro dias de seu casamento? Muito eufórico?

**EDUARDO DE PERCY**

Ah, sim, meu pai, é evidente a alegria que inunda meu ser. Mas muito me surpreende que eu tenha conseguido conquistar o amor de Elise assim de repente, pois não esperava. Há momentos atrás não lhe causava outra coisa senão

sentimento de aversão. Fico surpreso com tal mudança de atitude e ainda mais com sua coragem vindo pedir-me o perdão.

**ANTÔNIO DENNY**

Ora, meu filho, não te surpreendas com a atitude das mulheres, pois são todas incompreensíveis, quanto mais dizem que odeiam, mais elas amam; quanto mais se negam, mais elas querem; quanto mais meiguinhas, mais são danadas; quanto mais classudas, mais são devassas e assim por diante...

**LANGLEY**

Com licença, senhor.

**ANTÔNIO DENNY**

Que queres?

**LANGLEY**

Vim do serviço do rei que acaba de chegar e chama por vossa senhoria na sala do trono.

**ANTÔNIO DENNY**

Diga-lhe que já estou a caminho, vá... *(a Eduardo)* Devo ir meu, filho, agora o rei me chama. Pense no que vos disse e esqueça os infortúnios que já passou nesta vida. Viva o presente.

**Cena II**

*(Casa de Elise: Clecy arruma a casa. Dona Ana inspeciona. Elise entra desesperada e em prantos abraça Dona Ana).*

**ELISE**

Ama...

**DONA ANA**

Filha minha, encontraste o teu amado?

**ELISE**

Sim, ama, mas antes não o tivesse encontrado. Tive que dizer coisas horríveis, mostrar-me sem vida e negar-lhe um beijo quando meu coração pedia o contrário. Pedi para que se afastasse de minha vida quando na verdade queria que fizesse parte dela. Oh, ama, serei infeliz até os últimos dias que passarei nesta terra.

**DONA ANA**

Acalme-se querida. Não chores.

**ELISE**

Como posso acalmar-me sabendo que em quatro dias estarei nos braços de um homem que não amo, recebendo os votos do matrimônio e largando assim a minha única esperança de felicidade?

**DONA ANA**

Filha, não sinta tamanha crueldade, o filho do duque é um rapaz rendoso, contigo será bondoso.

**ELISE**

Não o quero para meu esposo. Ao invés de amor, sinto por ele ódio, por ser filho de um homem que levou meu pai ao desespero fazendo com que se afogasse nas dívidas para que de formas vívidas pudesse pedir-me em pagamento.

*(John Falster e sua Senhora, que entram pouco antes da fala, interferem:)*

**JOHN FALSTER**

Peço-vos então que não se case, minha filha. Pois sou eu o único culpado desta infelicidade. Contraí a dívida com Duque e por isto, eu mesmo é que devo pagá-la.

**SENHORA FALSTER**

Não podes pensar assim, Falster! Não trocaremos a felicidade de tua filha por sua própria vida. Se esta é a única maneira que temos como pagar... Casaremos Elise com Eduardo.

**ELISE**

Meu pai... Não deixarei que o matem. Forte dor atormenta minh'alma destruindo tudo que sou e tudo que tenho, mas nem por isto te desdenho. Casarei com Eduardo se preciso for, mas me diga que remédio tens para minha dor?

**JOHN FALSTER**

Amanhã eu parto para a França, minha filha. Tentarei arranjar um empréstimo com alguns amigos da corte. Porém, vou quase sem esperança, pois toda a quantia que preciso é quase um quinto de toda França. Se não conseguir, vos imploro: Fugas com teu amado para longe, case-se em qualquer igreja com outro nome. Não importa o que faça, não quero que troques a tua felicidade pela minha.

**SENHORA FALSTER**

Não fales tamanha besteira. O Duque foi muito claro com suas palavras, Elise. Ou você se casa, ou além de perdermos a vida de teu pai, perderemos também tudo que construímos na vida - nossas terras, nossa casa, nosso nome - ficaremos como indigentes, não seremos diferentes dos cães sem dono que se abrigam nesta rua.

**ELISE**

Por minha causa isto não ocorrerá, mas vos suplico, meu pai: Corra atrás desta única esperança. Busque uma maneira de sermos entendidos e vossa dívida perdoada, para que eu possa assim casar-me com Benvindo que é o único homem pelo qual respiro sentimentos de paixão. Não esperes mais um dia, não outra ocasião, pois não sei se vou suportar ver o seu olhar o meu amor a suplicar. Corra, meu pai, arranje uma saída. Salve nossas vidas, parta em caminhada, não adie sua jornada...

**JOHN FALSTER**

Do mesmo modo que sacrificas tua felicidade por mim, apostarei meu destino neste negócio. Mudo meus planos e parto hoje mesmo para França. Acharei compradores para o nosso mercado, pedirei dinheiro emprestado e retornarei para salvá-la com a quantia que te livra deste infortúnio. Dona Ana!

**DONA ANA**

Sim?

**JOHN FALSTER**

Mande preparar-se o cocheiro.

**DONA ANA**

Pois não, com licença! *(sai)*

**SENHORA FALSTER**

Vou contigo, meu esposo. *(sai para preparar-se)*

**JOHN FALSTER**

Teu irmão ficará, e se não chegarmos a tempo, ele mesmo te casará. *(Senhora Falster chega.)* Falarei com o Conde Pierre Villeneuve, é meu amigo, tenho certeza que irá me ajudar.

**ELISE**

Vai depressa, meu pai, que Deus o guie em seu caminho.

**JOHN FALSTER**

Adeus, minha filha. *(beija a filha)* Adeus.

*(John Falster e sua senhora saem. Benvindo que estava escondido, aparece e tenta chegar até Elise. Neste momento Dona Ana grita, e ele se esconde novamente.)*

**DONA ANA**

Elise, senhor Eduardo de Percy, deseja vê-la!

**EDUARDO DE PERCY**

Já estou entrando... Vim trazer algumas utilidades, afinal de contas em dois dias nos casamos, e como sei de suas dificuldades resolvi trazer-vos o que há de mais precioso para que possa usar. Christopher, queira descarregar...

**CRISTOPHER**

Sim, senhor.

*(Christopher descarrega sem parar)*

**EDUARDO DE PERCY**

Encontrei vossos pais na saída, estavam ambos apressados.

**ELISE**

Viajam a negócios para a França.

**EDUARDO DE PERCY**

Eu sei, pois me falaram. *(para o soldado)* Podes ir. *(para Elise)* Não abres minhas prendas?

**ELISE**

Oh, sim, abro, queira desculpar... *(Ao abaixar-se Elise avista Benvindo escondido e simula um mal estar...)*.

**EDUARDO DE PERCY**

Elise? Que há de errado?

**ELISE**

Um mal estar...

**EDUARDO DE PERCY**

Oh, Deus! Chamarei Dona Ana.

**ELISE**

Não, não precisa. Foi o esforço do dia, estou exausta, preciso repousar.

**EDUARDO DE PERCY**

Não, irei chamar. Ela vai te cuidar.

**ELISE**

Não precisa, Eduardo. Estou bem, preciso apenas repousar. Fique tranquilo. Podes ao palácio retornar... Se à noite quiser voltar...

**EDUARDO DE PERCY**

Sim, mas tens certeza que estás bem?

**ELISE**

Tenho, podes ir, preciso apenas descansar...

**EDUARDO DE PERCY**

Neste caso, eu vou. Não quero lhe cansar mais ainda. Retorno pela noite para saber como está.

**ELISE**

Retorne.

**EDUARDO DE PERCY**

E as prendas?

**ELISE**

Peço a Ana para guardar.

**EDUARDO DE PERCY**

Bem, então... Ficarás bem?

**ELISE**

Sim.

**EDUARDO DE PERCY**

Neste caso, adeus.

**ELISE**

Adeus.

*(Eduardo sai. Elise fecha a porta. Há uma grande agitação. Mas Eduardo retorna. Elise percebe e esconde Benvindo rapidamente.)*

**EDUARDO DE PERCY**

Não quer que eu fique?

**ELISE**

Não, não precisa. Logo estarei melhor.

**EDUARDO**

Está bem. Então adeus.

**ELISE**

Adeus.

*(Eduardo sai. Elise ajuda Benvindo.)*

**ELISE** (*Sussurrando*)

Que fazes aqui?

**BENVINDO**

Precisava encontrá-la.

**ELISE**

Invadiste minha casa.

**BENVINDO**

Não tive outra forma. Então foi por causa do duque que dispensaste meu amor?

**ELISE**

Escutaste a conversa com meus pais?

**BENVINDO**

Palavra por palavra. Eu sabia que jamais me abandonarias. Os teus olhos diziam o contrário e desmentiam cada palavra que saía dos teus lábios. Sabia que não te casarias com o filho do Duque, que não era esta a tua vontade. Escondi-me nos cantos de tua casa para ver se o meu nome suspiravas, ou se de mim alguém falava, pois eu tinha certeza que não podia ser real e verdadeiro tal ato repentino.

**ELISE**

Louco!

**DONA ANA** (*Dos fundos*)

Elise? Estás falando... Clecy está convosco?

**ELISE**

Falo sozinha, ama!

**BENVINDO**

Oh, Elise, há duas noites que não durmo pensando e questionando em cima de tuas palavras, mas agora sei que não agiste de teu próprio querer. Foste submetida à tão terrível decisão – casar-se com o filho do duque, ou ver teu pai num caixão – Oh, minha amada, irei ajudar-te neste tenebroso caminho, não temas.

**ELISE**

Não, Benvindo. Desejo que não interfiras na confusão, que já é tamanha. Agora que sabes da verdade, peço-te que compreendas minha atitude e deixe que eu e meus pais tentemos resolver da melhor maneira. Faltam apenas dois dias para que me case. Meu pai partiu à procura de uma solução na França. Pedirá dinheiro emprestado. Aguarde sem angústia que tudo se resolva. Farei de tudo, o possível para ficar do teu lado.

**BENVINDO**

Aceite que eu te ajude. Pois não agüentarei ficar sozinho, observando e sem nada a fazer para evitar que te cases com aquela obra do engano divino. Porque não fugimos? Por que não vamos para a França?

**ELISE**

Achas que não nos encontrariam na França ou em qualquer outra parte deste mundo? Benvindo, aguarde. Resolveremos isto, eu não posso sair daqui e deixar meu pai assim... Por favor, compreenda. Oh, amo-te com toda força desta vida, e por isso rogo-te que não faças outra coisa senão esperar. Apenas prometas que vais me amar...

**BENVINDO**

Não.

**ELISE (pausa)**

Não?

**BENVINDO**

Não antes que me prometas também o teu amor eterno.

**ELISE**

Prometido estava antes mesmo de o ter me pedido.

*(Beijam-se)*

**CENA III**

*(Salão do palácio. Bobo entra fazendo um grande escândalo. Antônio Denny entra em seguida.)*

**HAMLET**

Um dedo real foi perdido... Um dedo real foi perdido... Ai meu Deus, uma tragédia, uma tragédia, uma tragédia!!! *(chora desesperadamente)*

**ANTÔNIO DENNY**

O que é isto? Hamlet... Pra que este escândalo?

**HAMLET**

Um dedo real foi perdido! Estava sua majestade a treinar esgrima quando a lâmina de um soldado incompetente decepou o seu dedão... Ai, pobre dedo real... rolou pelo chão... *(continua chorando desesperadamente)* Duque Antônio, sua majestade, a rainha, mandou avisar que o casamento de seu filho terá que ser adiado até que nossa alteza se recupere da perda de seu dedão.

**ANTÔNIO DENNY**

Adiar o casamento?

**HAMLET**

Sim.

**ANTÔNIO DENNY**

Mas não é possível. Isto é lamentável.

**HAMLET**

Lamentável? Oh, fulguras do amor invertido! Pode um homem em seu estado de servidão achar lamentável a decisão de um rei bendito? Será que ouço isto ou é ilusão? Preciso de comprovação! Lamentável é o instinto daqueles que contrariam as ordens da realeza. Os inimigos do rei estão dentro da própria nobreza. Oh, Que destino devo conceder-lhes? Mandá-los à forca ou à guilhotina? Não sei, não sei, não sei... Há algo de podre aqui por Londres. Acho que escreverei uma peça contando sua lamúria para apresentar à majestade. Se então te sentires tocado, então é prova que o teu amor é crueldade. *(analisa as feições de Antônio)* Acertei na mosca! Oh! Legiões celestiais! Oh! Terra! Que mais ainda? Devo apelar ao inferno? Oh! Infâmia! Repousa espírito inquieto!

**ANTÔNIO DENNY**

Desapareça já daqui, bobo idiota!

**HAMLET**

Indigno! Procurarei Horácio e futricaremos sobre teus atos! *(sai correndo)*  
Majestade!

*(entra Lorde de Mowbray)*

**LORDE DE MOWBRAY**

O que houve por aqui?

**ANTÔNIO DENNY**

O dedo real... rolou pelo chão.

**LORDE DE MOWBRAY**

Como?

**ANTÔNIO DENNY**

A majestade, adiou o casamento de meu filho porque perdeu seu dedão.

**LORDE DE MOWBRAY**

A majestade? Perdeu seu dedão?

**ANTÔNIO DENNY**

Perdeu.

**LORDE DE MOWBRAY**

Primeiro rei do mundo que não tem um dedo na mão.

**ANTÔNIO DENNY**

Oh, Lorde pare com estas piadas inconvenientes! Estou muito preocupado com assuntos que também lhe dizem respeito.

**LORDE DE MOWBRAY**

Tantos assuntos me dizem respeito. De qual deles estás a falar?

**ANTÔNIO DENNY**

Da revolta popular. Hoje estréia a nova peça daquele escritor, o Benvido. Chama-se "Duques e Duquesas".

**LORDE DE MOWBRAY**

E o que tenho a temer? Eu sou um Lorde...

**ANTÔNIO DENNY**

Tenho informações sobre os escritos. E o nome da duquesa protagonista chama-se Mowbray.

**LORDE DE MOWBRAY**

Deus do céu, achas que estou em prerrogativa?

**ANTÔNIO DENNY**

Nosso reino não tem duquesas, meu Lorde, muito menos de Mowbray.

**LORDE DE MOWBRAY**

Deus... Precisamos explodir o teatro. Bush!!! Bush!!!

**ANTÔNIO DENNY**

Explodir o teatro? Ficaste louco? Lorde, precisamos achar uma outra forma. Explodir o teatro causaria de imediato uma revolução. Acho que o rei não sairá da cama tão cedo, portanto não verá o espetáculo. Por isso, temos que achar uma outra solução.

*(Entra o Rei Ricardo)*

**RICARDO**

Falavam de mim?

**ANTÔNIO DENNY**

Majestade...

**LORDE DE MOWBRAY**

Lamentamos por seu dedão.

**RICARDO**

Ouvi murmúrios sobre não sair da cama...

**ANTÔNIO DENNY**

É, majestade, comentávamos que achávamos que não sairia tão cedo de seus aposentos devido ao fato ocorrido com vosso dedão real.

**RICARDO**

Enganaram-se. Já não sabem que sou um rei de muita raça? Hoje mesmo vou ao teatro. Quero assistir a nova peça desse escritor estrepante, o Benvindo, ouvi dizer que faz muito sucesso.

**ANTÔNIO DENNY**

Majestade, desculpe-me a petulância, mas não acho isso uma boa idéia. Vossa alteza necessita de repouso. Há um ferimento grave em vossa mão e isto não me parece conciso. Pois se até mesmo adiaste o casamento de meu filho, não faz sentido agora irdes ao teatro.

**RICARDO**

Antônio, compreendo sua preocupação, e talvez até a indignidade, mas o fato é que para o casamento de teu filho usarei a mão, para abençoá-lo e para consagrá-lo como "Sir" com minha espada, talvez erguer taças de vinho, e estes atos fazem-se sempre com a mão direita, a que me foi lesada. Os faria com a outra, mas não desejo quebrar a tradição. No teatro, o que usarei serão apenas os olhos e os ouvidos. Para aplaudir gritarei "Bravo" e algum soldado bate palmas por mim.

**ANTÔNIO DENNY**

Mas, majestade...

**RICARDO**

Sem mais contestamentos, Antônio. Sabes que detesto insistência! Depois estou profundamente abalado com esta deficiência, preciso me divertir no teatro. Langley!!!

*(Entra Langley)*

**LANGLEY**

Pois não, majestade?

**RICARDO**

Prepares já a minha carruagem. Hoje iremos ao teatro. Desejo ver uma peça. Avise à rainha que a espero no pátio.

**LANGLEY**

Sim, majestade.

**RICARDO**

Langley!

**LANGLEY**

Mais alguma coisa, majestade?

**RICARDO**

Procure por Hamlet. Quero muito levá-lo ao teatro.

**LANGLEY**

Pois não, majestade. *(Sai)*

**RICARDO**

Meu adeus a vós... *(Sai)*

**ANTÔNIO DENNY**

Deus, o que faremos? Não temos mais solução?

*(entreolham-se)*

**ANTÔNIO DENNY E LORDE DE MOWBRAY**

Bush!!!

## Terceiro Ato

Cena I

*(Casa de Elise: Entra a ama.)*

**DONA ANA**

Elise! Elise!

**ELISE**

O que foi, ama? Por que me chamas?

**DONA ANA**

Encomenda para vós...

**ELISE**

Para mim?

**DONA ANA**

Sim... Toma... Abre!

*(Elise abre a caixa. Dentro dela está uma rosa, um anel e um bilhete. Ela abre e lê.)*

**ELISE**

A vós concedo minha vida. A vós o meu espírito e todo o amor que nele estiver contido. Que o sol não possa nascer, nem as rosas possam crescer se eu não estiver contigo. De seu eterno... Benvindo. Um anel... Oh, ama, como é delicado! Como é romântico o meu amado...

**DONA ANA**

Jovem de valor.

*(Abraçando a rosa e o bilhete)*

**ELISE**

Oh, Benvindo... Para sempre quero estar contigo... Para sempre, sempre, sempre...

*(Batidas na porta...)*

**VOZ DE FORA**

Elise...

**DONA ANA**

Há esta hora? Quem vos chama?

**ELISE**

Será meu pai que voltou da França?

**DONA ANA**

Ou teu amado que por ti clama.

*(Dona Ana espia...).*

**ELISE**

Não sairia hoje do teatro.

**DONA ANA**

Senhor Eduardo de Percy que retorna para vê-la.

**ELISE**

Oh, não, ama. Não desejo encontrá-lo.

**DONA ANA**

Que farei se está na porta?

*(Novamente batidas de porta e a voz de fora:)*

**VOZ DE FORA**

Elise!

**ELISE**

Diga-lhe que estou doente, que repouso em minha cama. Hoje vou ao teatro. Preciso encontrar Benvindo, em duas horas vai estrear. Preciso encontrar o meu amado. Ama, ajude-me. Vou fugir pelos fundos, não o deixe me encontrar. Diga para vir pela manhã, ao meu despertar. Enquanto isso, verei Benvindo. Faça isso, ama...

**DONA ANA**

Vai, filha. Vai...

**ELISE**

Adeus...

**DONA ANA**

Adeus...

*(Eduardo de Percy entra acompanhado de dois soldados)*

**EDUARDO DE PERCY**

Onde está Elise?

**DONA ANA**

Repousa em seus aposentos, teve ela uma pequena indisposição.

**EDUARDO DE PERCY**

Subirei então.

**DONA ANA**

Não a incomodes, senhor Eduardo. Ainda não é sua dama. Ela está indisposta e repousa em sua cama.

**EDUARDO DE PERCY**

Sai da frente, velha alcoviteira. Sei de informações que está de caso com Benvindo. Um soldado o viu saindo daqui pela noite. E vós consentis isto debaixo do nariz? Oh! Infâmia! Traído antes mesmo de casar-me. Soldados, vasculhem o quarto!

**DONA ANA**

Não, ela repousa!

*(Eduardo a segura pelo braço)*

**DONA ANA**

Não creio nisto que me dizes. Te arrependerás pela mentira... Está ela no leito com Benvindo?

**DONA ANA**

Não está...

**CRISTOPHER**

Nada, senhor.

**EDUARDO DE PERCY** *(Batendo em Dona Ana)*

Velha, imunda! Onde está? Fala!

**DONA ANA**

Não sei... Não sei...

**EDUARDO DE PERCY**

Por que fez isto? Por que? Não podia ter-me repudiado como fazia? Não podia ter-me negado como sempre? Por que dizer que casa comigo quando na verdade seu coração não me queria?

**DONA ANA**

Foi vosso pai! Vosso pai que a obrigou a se casar contigo.  
(*pausa*)

**EDUARDO DE PERCY**

Não fales assim, velha suja! (*Bate em Dona Ana*)

**DONA ANA**

Vosso pai! Vosso pai! Ele ameaçou destruir toda a família se ela não se casasse contigo.

(*Pausa. Eduardo para de bater e escuta.*)

Vosso pai foi quem envenenou a tua vida! O pai de Elise devia dinheiro ao duque e não podia pagá-lo. Então ele trocou a dívida pelo casamento. Senão isto, por sua própria vida como pagamento. Foi vosso pai. Foi vosso pai...

(*Pausa*)

**EDUARDO DE PERCY**

Onde está Elise? Onde?

**DONA ANA** (*Pausa. Em prantos...*)

No teatro.

**EDUARDO DE PERCY**

Vou procurá-la. Se estiveres mentindo. Acabo com tua vida. Eu juro. (*para os soldados*) Vamos. (*Para Dona Ana*) Juro!

(*Saem.*)

## Cena II

(*Praça pública: Goudieur Francis e Arthur bebem. Estão jogados pelo chão. Cantam:*)

**GOUDIEUR, FRANCIS E ARTHUR**

Segura o nobre caminho  
Que a vida quer lhe propor  
Erga sua taça de vinho  
E deixe tudo se opor!

**GOUDIEUR**

Já souberam da novidade?

**FRANCIS**

O que?

**GOUDIEUR**

Um dedo real... rolou pelo chão! O rei treinava esgrima... Perdeu seu dedão. Está sem um dedo na mão!

**ARTHUR**

Imperfeita é vossa majestade!

**FRANCIS**

Que pena!

*(Risos)*

**GOUDIEUR**

É um péssimo esgrimista! Até tem boa vontade, mas não tem controle na mão.

**ARTHUR**

Não se sobrevive à guerra apenas com boa intenção, é preciso saber lutar e ter controle na mão.

**FRANCIS**

Proponho um brinde ao controle na mão... E que caia de vossa majestade um outro dedão!

*(Escarnecem. Entra Clecy com uma cesta de compras nas mãos.)*

**CLECY**

Três bêbados no chão. Ah, parecem cachorros! Estão todos sujos. Não se envergonham disto?

**FRANCIS**

Envergonhar-se de que, Madame? Se ainda fossemos outra coisa... Mas somos humanos!

**GOUDIEUR**

Junte-se a nós, querida... Dê-nos o prazer da alegria ou então deixe-nos lhe dar a alegria do prazer neste lindo dia...

**CLECY**

Ora...

**ARTHUR**

Desta vez eu não estou cego. Vejo uma dama... Venha cá! Agora!

*(Entra Benvindo apressado.)*

**ARTHUR**

Benvindo? Não está na peça?

**FRANCIS**

Abandonou o teatro?

**BENVINDO**

Claro que não, pobres diabos... Clecy, preciso de um médico. Um de meus atores passa mal... O espetáculo já vai começar. Onde devo encontrar?

**CLECY**

Um médico será difícil. Sei de alguém que entende de medicina. É aqui perto... Posso levá-lo.

**BENVINDO**

Vamos. Não temos tempo.

*(Saem. Os dois.)*

**ARTHUR**

Pobre homem! *(Para Benvindo)* Apaixonado! Apaixonado!

**GOUDIEUR**

Levou-me a vagabunda...

*(Divertem-se. Aos poucos, ouve-se murmúrios que vão crescendo em meio às risadas. Por fim, tornam-se gritos de desespero. Logo, o palco começa a ser invadido e pessoas são trazidas pelos braços. Barulho de fogo ao longe.)*

**GOUDIEUR**

Mais o que é isto? Um baile à fantasia?

**LUTERO** *(Chegando)*

O que está acontecendo?

**RILBER**

O teatro está em chamas!

**LUTERO**

Ah, meu Deus o Benvindo... *(Grita)* Benvindo! Benvindo!

*(Homens formam uma corrente para impedir que os outros passem em direção ao teatro.)*

**DENIS**

Ajudem! Ajudem!

**LUTERO**

Benvindo!

*(Entra o Duque de York, Lorde de Mowbray, Bush e Langley. Christopher vem do lado oposto.)*

**ANTÔNIO DENNY**

Procurem pelo rei. Rápido.

**CRISTOPHER**

Meu duque, seu filho estava lá. Eu não o encontro.

**ANTÔNIO DENNY**

Meu filho? Não... Procurem meu filho! Procurem meu filho!

*(Gritos de desespero. Grande confusão. Benvindo e Clecy retornam).*

**BENVINDO**

O que acontece por aqui?

**LUTERO**

Benvindo! Graças a Deus estás aqui. O teatro está em chamas...

**BENVINDO**

O teatro? Não...

*(Benvindo tenta ultrapassar a barreira. Lutero impede junto com os outros homens.)*

**LUTERO**

Acalme-se, Benvindo.

*(Tumulto. Da barreira, passa Denis que traz uma notícia.)*

**ANTÔNIO DENNY**

Meu filho... Onde está meu filho?

*(Denis indica. Passam Langley e Christopher erguendo o corpo de Eduardo de Percy).*

**ANTÔNIO DENNY**

Meu filho...

*(Antônio Denny chora a morte do filho. Benvindo agarra Denis. Entra James Gurney).*

**SIR JAMES GURNEY**

Filho!

**BENVINDO**

Estão todos salvos? Estão todos salvos?

**DENIS**

Não, Benvindo. Nós conseguimos salvar alguns, outros morreram queimados. Muitos foram pisados...

**BENVINDO**

E os atores?

**DENIS (Pausa)**

Morreram.

**BENVINDO (Pausa)**

Todos?

**DENIS**

Todos.

*(O barulho das chamas vai diminuindo e os gritos tornando-se choro.)*

**BENVINDO (Pausa)**

Calaram a voz do mundo.

*(Entram Rei Ricardo, Rainha Margot e Hamlet. Todos comentam.)*

**LORDE DE MOWBRAY**

Majestade? O rei está vivo! O rei está vivo...

**DENIS**

Os atores morreram, majestade.

**RICARDO**

Onde está o Benvindo?

**DENIS**

Aqui.

**RICARDO**

Lamentamos pelo ocorrido.

**BENVINDO** *(pausa)*

Calaram a voz do mundo! Impediram uma denúncia, majestade. Antônio! Você matou o seu filho! Você e estes nobres sujos desta corte! A nobreza é a escória deste mundo! Calaram a voz do mundo! Onde estão os atores? Estão mortos. Eles precisam falar... Majestade, a nobreza está fedendo e nós estamos cansados. Os nobres desta corte estão corrompidos. A nobreza não é mais que um bando de ladrões, corruptos e assassinos sortidos! São os donos da miséria do seu reino, majestade. A nobreza explora enquanto o povo morre. Nosso comércio está fechado, majestade. Não temos o que vender, porque não temos como comprar. Os impostos nos sufocam. E quando falamos... Abafam a nossa voz. Quem então será por nós? Quem de nós irá pedir uma trégua? Quem irá pedir por paz? E vós o que fazeis, majestade? Consentis que tirem dos pobres para dar aos nobres? Arranque um outro dedo, majestade e sentirás a dor que sente o teu povo. É este o nosso fim. Destruíram o teatro. *(pausa)* Hamlet, não tens nada a dizer? *(Hamlet faz que não.)* Ele não pode mais falar. Mataram os atores. Calaram a voz do mundo. Que mais se pode esperar?

*(Entram Goudieur e Arthur que trazem o corpo de Elise. Comentários... Benvindo vira-se e vê o corpo sendo deixado no chão.)*

**BENVINDO**

Não... *(Corre, apanha o corpo e põe no colo.)* Elise!

*(John Falster e sua senhora chegam de viagem. Passam pelo povo avistam a filha morta. Correm para junto.)*

**JOHN FALSTER**

Elise?

**SENHORA FALSTER**

Oh, meu Deus, minha filha!

**JOHN FALSTER**

Elise, trouxemos o dinheiro, filha! Trouxemos o dinheiro...

**BENVINDO**

Elise! Elise! Elise! *(choro)*

*(Goudieur e Arthur pegam o corpo, erguem-no e retiram-no de cena. Todos saem. Ficam apenas Benvindo e os pais de Elise no chão.)*  
*(B.O)*

FIM

Oscar Calixto

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2003.

23:48:15

RIO DE JANEIRO, OUTUBRO DE 2003.  
COPYRIGHT© 2003 OSCAR CALIXTO  
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS